

## ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

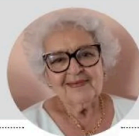
clauderarcujo@gmail.com

# Retratados por um artista anônimo de rua

## DULCE CAVALCANTE

Escritora, autora das obras *Bicicletas de papel* e *...um chão para memórias soltas*

dulcinea.acs@gmail.com



A internet entrou em nossa vida tomando todos os espaços numa infinidade de atividades: informativas, entretenimento, sentimentais, relações internacionais e comunicação interpessoais. São assuntos diversos que animam bate-papos de amigos ao redor da mesa de bar, da mesa de jantar nas famílias e nas rodas das calçadas (as que resistem). Cada um manuseando seu telefone, discutindo sobre as mais atraentes ou impactantes histórias. Discutem acerca de assuntos sérios e polêmicos e se alteram; leem sobre bobagens e riem; assombram-se com os horrores da guerra e choram; sobre desastre e destruição das tragédias se entristecem, rezam e cooperam. Com certeza o celular, esse aparelho que cabe na palma da mão e traz o mundo em 3D ao centro das atenções, tornou-se indispensável. A busca, alimentando curiosidade de muitos (eu entre eles), sempre levando conhecimento, discernimento, aflição e, tantas vezes, repulsa. Transmite o poder de abrir olhos para ver o mundo e desvendá-lo em todos os níveis da condição humana. É o corredor onde escolta todo tipo de informação.

Gosto de quando, através dele, percorro milhas e milhas de beleza na admiração de imagens indescritíveis. Tiram-me o fôlego as paisagens paradisíacas que a natureza gratuitamente me oferece. Também desnuda deformidades nos caracteres que fogem à concepção de humanidade em muito do que se vê e me deixa exausta; embora acabe lendo,

nesse aparelhinho “quase” inofensivo. O que o mundo oferece de bom, elevamos ao máximo; e, o que acontece de péssimo, vemos toscamente banalizado. As hipérbolos rondam o absurdo e torna-o aceito com espantosa naturalidade.

O telefone celular altera a lente de aumento do bizarro, do comum, do triste, do frenético, do ódio, do simples, do belo e do feio. Fico atenta à essas informações, e o meu lado empático se envolve contra a vontade com as notícias, sejam de violência doméstica ou a de sofrimentos pelas enfermidades de quem quer que seja. Envolver-me e condeno a inércia de quem de direito. Fico indignada e trago para mim o sentimento negativo da injustiça. Lamentável! Paro, desisto e termino insistindo nessa coisa virtual e viciante. A beleza mostrada e as frivolidades é quando me desvirtuo, esfriando a cabeça dos horrores orquestrados pelas mídias, acolhendo nefasto anonimato a correr o mundo. Vou enveredando nas atividades; algumas legais, outras nem tanto. A insignificância do besteirol é determinante nas brincadeiras mais inusitadas. Será a rotina do novo normal tecnológico? Alguém na sua rede social desafia a achar nome de homem com a letra U. Outra pergunta surge: há nome de mulher começado com a letra Z? Em outra feita: existe nome de mulher sem a letra A?

Fico horas entretida, se é saudável não sei avaliar. Um dia desistes a pergunta era: se você ficasse rica, qual comida não abando-



naria. Eu respondi: pé de galinha. Embora sabendo que a riqueza não seria o motivo *sine qua non* para deixar de provar essa iguaria, erroneamente chamada “comida de pobre”. Uma piada sem graça e preconceituosa.

Deparei-me com a lista dos 100 filmes mais vistos do mundo. Uma contagem desprezível leva-me a conferir, e sentir, o propósito nessa listagem. Consciente disso, frustro-me por ser tão pequena ante a grandiosidade do conhecimento universal neste vasto mundo. Qual o seu autor favorito? Tal pergunta me deixa atônita, sem saber o que responder e, ao mesmo tempo, a duvidar de minha capacidade de leitora. Hoje, menos do que gostaria, continuo lendo nos intervalos, intercalando celular e leituras imprescindíveis. Uma pergunta me assusta: dos que se foram, quem escolheria para conversar no banco da praça, se possível fosse? Mil nomes vieram à baila e logo abs-traí, era o mais sensato a fazer.

Outro dia eu vi um internauta propondo na conta do Facebook: se encontrasse uma caixa com suas coisas perdidas o que você procuraria primeiro? Levei dias com essa pergunta a martelar-me a cabeça – o que procuraria? De repente veio uma coisa que perdi e, até hoje, me martiriza.

Na minha casa de criança havia muitos papéis de família, guardados em caixas empoeiradas. Entre eles, uma caricatura do meu pai e outra minha, feitas por um artista anônimo que andava de porta em porta. Essas caricaturas, retratos exagerando as características fisionômicas, eram perfeitas. Pelo menos eu encontrava, nos traços alterados, a figura do meu pai, jovem elegante e bonito, e a minha, como bebê de 1 ano que fora, estava ali.

Quando me casei e comecei a juntar os próprios papéis de família, pedi à mamãe as caricaturas no intuito de emoldurá-las, coisa que nunca foi feita. Nas an-

danças por algumas cidades, os livros eram objetos a serem embalados; e, cuidadosamente, guardei as caricaturas dentro da coleção de capa dura “Conhecer”. Desse modo estariam bem resguardadas. Mais uma mudança surgiu na nossa vida para outra cidade. Pensando com meus botões: esta será definitiva. Então resolvi doar as coleções de capa dura a uma biblioteca, esquecendo de folheá-las antes para averiguação.

Assim as relíquias desapareceram dentro das páginas, palavras e letras do tempo. A parede sonhada não pendurou, devidamente emolduradas, as caricaturas do papai e a minha.

Devo, à internet e ao pequeno celular onde cabe o mundo, o resgate desta história. E a parede gasta do tempo, onde está fixada a memória afetiva, tratou de conservar intactos, tal como lembro meu pai e eu: lindos, retratados por um artista anônimo de rua.

## De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato\_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685